

## OS DEZ MANDAMENTOS – SUA SINGULARIDADE E SEU LUGAR NA TRADIÇÃO DE ISRAEL: O EPISÓDIO DO MONTE SINAI E A FESTA DA OUTORGA DA LEI

The Ten Commandments – Its Uniqueness and Place in Israel Tradition: the Mount Sinai Episode and the Feast of the Law Granting

Moshe Weinfeld

Professor Emérito de Bíblia, Universidade Hebraica de Jerusalém (Israel)

### RESUMO

Este artigo descreve a ocasião na qual costumava-se comemorar a dádiva da Lei: a Festa das Semanas (ou Pentecostes). Tal como a Páscoa, que performava o momento do Êxodo, o Pentecostes concretizava o episódio da revelação no Monte Sinai. A comemoração encontra-se na Bíblia Hebraica em dois Salmos e no livro de Crônicas, além de fontes extrabíblicas. O artigo explica que ritos de renovação da aliança, presentes em vários lugares da Bíblia Hebraica, refletiam a consagração e os elementos descritos em Êxodo, cap. 19 (véspera do episódio da dádiva da Lei). Adicionalmente a isso, o artigo toca em tradições judaicas e cristãs diversas que se desenvolveram em torno dos detalhes da descrição da revelação no Monte Sinai.

**Palavras-chave:** Sinai — Bíblia Hebraica — Novo Testamento — Pentecostes — aliança — judaísmo.

### ABSTRACT

This article describes the occasion that used to recall the gift of the Law: the Feast of Weeks (or Pentecost). As the Easter, which performed the Exodus, Pentecost concretized the episode of the revelation at Mount Sinai. The celebration is found in the Hebrew Bible in two of the Psalms and the book of Chronicles, besides extra-biblical sources as well. The article explains that renewal rites of the covenant, present in several parts of the Hebrew Bible, reflect the consecration and the elements described in Exodus 19 (on the eve of the giving of the Law). In addition to this, the article touches upon several Jewish and Christian traditions developed around details of the revelation at Mount Sinai description.

**Keywords:** Sinai — Hebrew Bible — New Testament — Pentecost — covenant — Judaism.

A festa na qual costumava-se demonstrar a lembrança do episódio do monte Sinai<sup>1</sup>, bem como receber novamente, sob juramento, a Torá, era a *festa das Semanas*<sup>2</sup>. Conforme pensamos, a descrição desta cerimônia está refletida em Sl 50 e Sl 81. Na época do Segundo Templo, essa festa era chamada de *atzéret*<sup>3</sup>, sendo assim denominada por Flávio Josefo<sup>4</sup>. O significado dessa denominação explicita que a *festa das Semanas* era um dia de ajuntamento, ou *dia da congregação*<sup>5</sup> (como no hebraico bíblico), indicando o dia no qual se ajuntava o povo a fim de receber a Palavra de Deus, conforme essas expressões são encontradas no Decálogo (Dt 9.10; 10.4; 18.16)<sup>6</sup>. Ao que parece, na festa da “solenidade” era dramatizado, em um ritual específico, o momento sublime do episódio do monte Sinai, no qual aceitavam novamente, por meio de um pacto e juramento, os Dez Mandamentos. Em Ex 18.1 é indicado que os israelitas chegaram ao deserto de Sinai no terceiro mês, sendo dito depois disso a respeito da preparação deles para o momento da revelação. Por causa de Mowinckel<sup>7</sup>, cerimônias de consagração e de toques de trombetas descritas nesse capítulo foram colocadas em questão, como refletindo o processo ritualístico que era aceito em cerimônias de renovação de pacto. As preparações para o episódio do monte Sinai são, de fato, preparações para um encontro divino, executado em cada solenidade ocorrida no Templo. Semelhantes a essa consagração são

<sup>1</sup> Em hebraico: מעמד הר סיני – *ma'amad Har Sinay* – denominação encontrada na literatura judaica ao evento descrito no livro do Êxodo, a começar da chegada dos israelitas ao local do monte (Ex 19.1), passando pela enunciação do Decálogo por Javé (a partir de Ex 20.1) até a partida dos israelitas de lá (Nm 10.12). Essa expressão, “episódio do Sinai”, será usada daqui por diante para se referir a esse contexto ao longo de todo o artigo (nota do tradutor).

Este texto constitui-se a quarta parte do artigo originalmente publicado sob o título hebraico:

עשרת הדיברות - ייחודם ומקומם במסורת ישראל: מעמד הר סיני והגנת תורה (Asseret ha-dibrot – *yihudam u-mekomam bi-mesoret Yisrael: Ma'amad Har Sinay Vehag Metan Toráh*). In: SEGAL, B. עשרת הדיברות בראי הדורות (Asseret ha-Dibrot be-Re'i ha-Dorot ou *Os dez mandamentos numa perspectiva das gerações* [obra sem tradução para o português]) (ed.). Jerusalem: Magnes Press, 1986.

Tradução para a língua portuguesa de Erike Couto Lourenço, graduando em Grego (bacharelado) pela Universidade Federal de Minas Gerais, com agradecimentos à Magnes Press pela autorização de tradução do original hebraico. Para a presente tradução foi utilizado artigo integral publicado no livro, mas que também pode ser lido também no seguinte endereço: <<http://mikranet.cet.ac.il/pages/item.asp?item=13048>>. Acesso em: 27 nov. 2014, às 12:00.

As notas de rodapé se encontram com uma numeração diferente daquela utilizada pelo autor no artigo original em hebraico.

<sup>2</sup> חג השבועות – *chág hashavu'öt* - “Festa das Semanas”, conhecida também, por influência da Septuaginta e do Novo Testamento, como “Pentecostes” (gr. Πεντηκοστή [ἡμέρα], “o quinquagésimo [dia]”), é a celebração que ocorria cinquenta dias contando a partir da Páscoa. Daqui por diante, no artigo, utilizaremos a denominação Festa das Semanas. Prefiro esta denominação, pois é mais “limpa” para correto entendimento lógico do texto na sequência, apesar da denominação mais conhecida dada a essa festa, nos meios judaicos, ser *Festa de Shavu'öt* ou simplesmente *Shavu'öt* (citações) (nota do tradutor).

<sup>3</sup> Ver Targum Onkelos e Targum Pseudo-Jonatan em Nm 28.26 (“em vossas semanas”: בעצרתיון - “em vossa solenidade”), e para Dt 16.10, ver Targum Neofiti: “חנהרשבויעה היא עצרתה” (*Festa das Semanas é solenidade*).

A palavra עצרת (*atzéret*) é traduzida geralmente por “solenidade” na maioria das traduções da Bíblia para a língua portuguesa (nota do tradutor).

<sup>4</sup> *Antiguidades* 3:252, gr. ἀσάρθα (*asartha*), que reflete o aramaico עצרתא (*atzarta*).

<sup>5</sup> Em hebraico, יום הקהל – *yom haqahal* (Dt 18.16) (nota do tradutor).

<sup>6</sup> Ver a proposta fundamental de D. Z. Hoffman em relação a esse ponto em seu comentário sobre Números, Tomo II, p. 158 em diante. Atente para o fato que o Targum Yonatan e o Targum Neofiti traduzem a expressão ביום הקהל – “no dia da congregação” – para ביום כנישת קהלא – “no dia do ajuntamento da congregação”, em Dt 18.16: ביומא דאתכנשו שבטיא למקבלא אורייתא – “no dia em que se ajuntaram as tribos para o recebimento da Torá”.

<sup>7</sup> MOWINCKEL, Sigmund. *Le décalogue*. Paris: Librairie F. Alcan, 1927.

a ablução das vestimentas e a abstinência de relações maritais como preparativos para o momento da revelação, conforme podemos ler em Êx 19.10-15 e também encontramos em Gênesis 35.1-3, onde é relatado que, antes da subida a Betel, Jacó ordenara aos seus filhos a se purificarem e a mudarem suas vestes (v. 2)<sup>8</sup>. O distanciamento do monte e o afastamento do povo do local santo, como encontramos em Êxodo 19.12-13, 21-24, também caracterizam as restrições que costumavam fazer costumava fazer em relação ao acesso ao local sagrado<sup>9</sup>. O ressoar da trombeta alertava o acontecimento no qual haveria juramento e comprometimento<sup>10</sup> e certamente esse é o caso no pacto de Asa (que aconteceu no terceiro mês, conforme 2 Crônicas 15.14), conforme veremos mais a frente, quando o profeta toca a trombeta sob juramento. Daí, propõe Erlich<sup>11</sup>, que o costume praticado entre os israelitas, o toque da trombeta acompanhar algum juramento<sup>12</sup>, tem a sua origem na Bíblia Hebraica.

Da mesma forma que a festa da Páscoa<sup>13</sup> e a festa dos Pães Ázimos vinham dramatizar o evento do Êxodo do Egito, a festa das Cabanas<sup>14</sup> vinha ilustrar as cabanas nas quais os israelitas habitaram no deserto (Levítico 23.42-43), do mesmo modo a festa das Semanas apontava o momento da revelação no monte Sinai.

Que a festa das Semanas se distinguiu como um dia de ajuntamento do povo no Templo é possível apreender a partir das palavras de Flávio Josefo e também do que é relatado no início de *Atos dos Apóstolos*. Flávio Josefo narra duas vezes sobre ajuntamentos que havia em Jerusalém por ocasião da festa das Semanas. Uma vez, por causa da invasão cretense no ano 40 a.C.: “e quando chegou a festa chamada ‘Pentecoste’, todas as redondezas do Templo e toda a cidade estava cheia de uma multidão de pessoas da região” (*Guerras* 1:253, comp. *Antiguidades* 14:337).

A segunda vez é quando ele relata o momento da revolta que ocorreu depois da morte de Herodes. Ele diz que, com a chegada da festa das Semanas, “uma correnteza de multidão infinita, no meio da cidade, vinda da Galileia, Idumeia, Jericó, Pereia, que fica do outro lado do Jordão. Mas havia também peregrinos da própria Judeia, cujo número e devoção superava em muito os dos demais” (*Guerras* 2:43, comp. *Antiguidades* 17:254).

<sup>8</sup> Restrições parecidas, aplicadas aos que chegavam ao Templo, encontramos na Grécia (NILSSON, M. P. *Geschichte der Griechischen Religion*. 3. ed. Munich: C. H. Beck. 1974. v. 3, p. 74). A inscrição no templo de Zeus Cintios nos mostra que lá era exigido do peregrino purificar as suas mãos, vestir-se com roupas brancas, descalçar-se, da mesma forma era-lhe necessário se abster de relações maritais e de contaminação com mortos. Sobre esse costume semelhante no Templo em Jerusalém, veja SAFRAI, Shmuel. *Haolêh l'réguel biy'mêi Beit Sheni* (O peregrino na época do Segundo Templo), p. 143. Sobre a lavagem das vestes, p. 144.

<sup>9</sup> Ramban já notara a semelhança que há entre a restrição de se aproximar do monte Sinai em Êxodo 19 e o alerta de se aproximar da tenda da visitação (ver sua introdução ao livro de Números, bem como sua introdução a Êx 25), sendo depois notada por MILGROM, J. *Studies in Levitical Terminology*. Berkeley: University of California Press, 1970. v. 1, p. 44ss.

<sup>10</sup> Assim como, por exemplo, no período do reinado, quando o povo se comprometia em serem fiéis ao novo rei; ver 2Sm 15.10; 1Rs 1.29; 2Rs 9.13, 11.14 (toque com trombetas). Sobre o acompanhamento do toque da trombeta ao juramento feito, ver o léxico completo, entrada 460 (p. 229): “האלה עם בשופר ותוקעין”.

<sup>11</sup> Leitura e sua interpretação numa primeira leitura, superficial, de 2Cr 15.

<sup>12</sup> Ver nota 9.

<sup>13</sup> חג הפסח – *chág hapêssach* (nota do tradutor).

<sup>14</sup> חג הסוכות – *chág hassucôt* (nota do tradutor).

É possível que o ajuntamento fizesse uso de uma proteção contra os rebeldes, mas, no fundamento, era um ajuntamento que ocorria com a força da tradição, no intuito de fazer uma solenidade populosa na festa das Semanas (cf. *Guerras* 2:73). Da mesma forma, lemos um relato parecido em Atos dos Apóstolos, capítulo 2, no qual a testemunha relata sobre “(visões) grandiosas” (τά μεγαλεία)<sup>15</sup> que ocorreram na festa das Semanas, que incluía “partos e medas, elamitas e os que habitam na Mesopotâmia, e Judeia, e Capadócia, e Ponto, e Ásia, e Frígia, e Panfília, Egito e partes da Líbia, junto a Cirene, e forasteiros romanos, tanto judeus como prosélitos, e cretenses, e árabes...” (v. 9-11). Que a festa das Semanas foi de grande importância, especialmente para os peregrinos, é possível ver em Atos 20.16. Nesse relato, é dito que Paulo fez um esforço para chegar à festa das Semanas, em Jerusalém, fazendo-nos lembrar o que foi dito sobre Judas, o Macabeu, em 2 Macabeus 12.31-32.

Em *De Specialibus Legibus* (1:183), Filon relata sobre a festa das Semanas como sendo uma festa celebrada da forma mais nacional/popular dentre todas as outras (έορτή δημοτέλεστάτη) e, quando descreve essa celebração tal como era feita entre os *therapeutas*<sup>16</sup>, ele a chama de “a maior festa” (τά μεγαλεία).<sup>17</sup>

Sobre a execução de ritos de renovação de pacto e da celebração do dia da outorga da Torá na festa das Semanas, é possível apreender também a partir das seguintes fontes:

1. Em 1 Crônicas 15.8-15, lemos que no terceiro mês<sup>18</sup>, no décimo quinto ano do reinado de Asa, ajuntaram-se em Jerusalém para a rededicação do altar os habitantes de Judá, de Benjamim, de Efraim, de Manassés e de Simeão. Eles sacrificaram e achegaram-se para renovar seu pacto com Javé com a intensidade de seus corações e almas; juraram em alta voz, com o toque de cornetas e trombetas. O juramento foi um juramento de pacto<sup>19</sup>, lembrando o pacto do Sinai, que também foi acompanhado de sacrifícios, holocaustos e ofertas de paz (Êxodo 24, do v. 3 em diante). Ele era feito com alegria, com pleno coração e vontade, algo que dá mais força ao comprometimento<sup>20</sup>; a alegria indica que o que é relatado se refere à festa na qual são

<sup>15</sup> Essa expressão grega significa “as grandiosas” (verso 11) ou “visões grandiosas”; comp. com (Dt 4.37) [sic] מוראים גדלים “grandes espantos” e (Dt 26.8) מרא גדל “grande espanto”. É entendida na *Septuaginta* (εν ηοραμασιν μεγαλοισ), nos *targumim* aramaicos (הזנין רברבין – milhares de visões) e na versão *samaritana*, bem como nos *midrashim* dos rabinos (ובמורא גדול זו) – “com grande temor – isto é a revelação da Divina Presença [Shekhiná]”, conforme o *midrash dos Tanaítas*), como “visão e revelações”.

<sup>16</sup> Os *therapeutas* (“curandeiros”) eram uma comunidade que se destacava na atenção ao ser em todas as dimensões: corpo, alma e espírito. Eles levavam uma vida contemplativa e asceta, sendo descritos por Filon de Alexandria no I séc. d.C. (nota do tradutor).

<sup>17</sup> *De Vita Contemplativa*, 65.

<sup>18</sup> O *Targum* acrescenta aqui, neste versículo 11, בחגגה דשבועיא – “na Festa das Semanas”; ver *Targum*, 1. ed. Sperber, p. 45.

<sup>19</sup> Para o pacto, estes, e a analogia desta com o pacto e o juramento, ver meu artigo, em hebraico, em *Leshonenu*, n. 36, p. 85-87, 1972.

<sup>20</sup> A alegria e o desejo vêm expressar uma plena disposição daquele que se achega ao pacto, vindo também a insinuar que o comprometimento não se fazia em meio a imposição ou coerção; esclarecimentos como esses achamos em documentos legais do mundo antigo. Ver MUFFS, Y. Joy and Love as Metaphorical Expressions of Willingness and Spontaneity in Cuneiform, Ancient Hebrew and Related Literatures. In: NEUSNER, J. (ed.). *Christianity, Judaism and other Graeco-Roman Cults*: Festschrift M. Smith. Leiden: Brill, 1975. v. 3, p. 1ss e comp. com *Mechilta Bachodesh*, porção 5 (p. 219): “quando todos estavam no monte Sinai para receber a Torá, todos tinham um só coração, dispostos a aceitar o Reino dos Céus com alegria”, e ver também a bênção da proclamação do *Shemá*, que na verdade é uma recepção do jugo do Reino dos Céus, isto é, voto, juramento de fidelidade (e ver meu artigo do *Sh'naton Lamikra ulechêqer haMizrách Hakadóm – Anual para a Bíblia e para Pesquisa do Antigo Oriente* – tomo

realizados rituais de renovação do pacto<sup>21</sup>. A raiz שבע (*shava*), que aparece nessa passagem três vezes (v. 14 e 15), vem sem dúvida de uma relação com o tema da festa das Semanas, sendo por isso possível atribuir à festa das Semanas um duplo entendimento: semanas de colheita e juramentos<sup>22</sup> de pacto<sup>23</sup>. O significado duplo da palavra שבועות<sup>24</sup> aparece no Livro dos Jubileus (6.21): “Porque a festa das Semanas é, e festa dos Primeiros Frutos é; é uma festa de dupla natureza, tendo uma dupla ordenança para celebrá-la”<sup>25</sup>; sendo refletido também na introdução do Manuscrito do Templo, onde se diz, a respeito dessa festa, que “é a festa das Semanas e a festa das Primícias, por lembrança para sempre” (Col. XIX.9)<sup>26</sup>. Parece-me que o acréscimo “por lembrança para sempre” no manuscrito vem nos mostrar a importância especial desta festa.

Como já notamos, o toque da trombeta na cerimônia que está relatada em 2 Crônicas 15 está acompanhando o juramento. Nessa direção, o toque da trombeta em Salmos 81.3 está conectada também à festa das Semanas.<sup>27</sup>

2. A descrição da festa da outorga da Torá<sup>28</sup> surge de forma a partir do Livro dos Jubileus. Do que está dito ali, podemos ver que há estabelecido no “calendário dos céus” a comemoração da festa das Se-

I, p. 77 em diante): “e o Seu Reino, com vontade, aceitaram por sobre eles... com imensa alegria”. Para uma versão semelhante em relação ao voto de fidelidade a César em Roma, ver meu artigo em *Leshonenu* 36, p. 79, nota 252.

<sup>21</sup> Sobre a alegria da festa das Semanas, ver Dt 16.11 e comp. com a relação que há entre o pacto do Sinai nos *Targumim* e Êx 24.11: “והיו חרן בקורבניהן – e se alegraram com os seus sacrifícios”.

<sup>22</sup> A palavra juramentos em hebraico, שבועות (*shvuôt*) tem a escrita exata e a forma parecida de pronúncia da palavra para semanas, שבועות (*shavuôt*) (nota do tradutor).

<sup>23</sup> Para uma orientação do duplo sentido nos significados dos nomes nos livros de *Crônicas*, ver ZAVOKITZ, Y. *Kéfel Midrashêi Shêm* (Dupla interpretação dos nomes). Dissertação de mestrado, Universidade Hebraica de Jerusalém, 1971, p. 166 em diante.

<sup>24</sup> Essa ambiguidade nessa palavra é muito clara na língua hebraica, já que ela pode ser pronunciada de duas formas diferentes (uma vez que nessa língua semítica, bem como em outras, as vogais são moduladas juntamente com as consoantes na voz, tendo somente por escrito as consoantes – tendo dois significados diferentes também: *shvuôt*, “juramentos, promessas” e *shavuôt*, “semanas”. A pronúncia e compreensão correta dessa palavra, então, depende do contexto em que ela se encontra. Essa ambiguidade e incerteza se perdem quando ela vem acompanhada pelas *nekudôt*, que são sinais criados por escribas de Tiberíades no início da Idade Média, que, quando colocados sobre a palavra hebraica, *transcrevem exatamente* o som das vogais. Exemplo: שבועות – “*shvuôt*” ou שבועות – “*shavuôt*” (nota do tradutor).

<sup>25</sup> Ver CHARLES, C. H. *Book of Jubilees*. London: Adam and Charles Black, 1902 sobre essa parte mostrada. Charles hesita no significado de “dupla ordenança” nesse escrito (p. 53, nota 21). A meu ver, “dupla ordenança” tem sua origem no duplo significado do nome שבועות aqui. Há de acrescentar que, pelo motivo da festa das Semanas, tal como mostrada no *Livro dos Jubileus*, estar vinculada aos pactos que Deus fez com os patriarcas (veja mais à frente no artigo), é que a duplicidade é expressa também do seguinte modo: Deus jurando nesse dia aos patriarcas, de um lado, e os israelitas juraram nesse dia a Deus, por outro.

<sup>26</sup> E cf. também a nota de YADIN, Y. *Megilát Hamikdash* – O Manuscrito do Templo, tomo I, p. 84.

<sup>27</sup> De acordo com Fílon (*De Specialibus Legibus* 2.188), o toque do *shofar* ocorria em *Rosh Hashaná* para lembrar o momento da dádiva da Torá. Aqui ele é influenciado pela liturgia que abre a ordem *Shofarôt* em *Rosh Hashaná*: “e Tu revelas-Te na nuvem de Tua glória... e faz-lhes ouvir a magnificência da Tua voz e os ditos da Tua Santidade dentre as labaredas de fogo... e com o som do *shofar* sobre eles apareces-Te...”. Na verdade, o toque do *shofar* vem apontar o reinado de Deus (ver nota 26, acima), como já observou Mowinckel (comp. com Sl 47.6 em diante, cântico que de fato é lido atualmente em *Rosh Hashaná*, antes do toque do *shofar*), e uma referência ao toque do *shofar* no episódio do monte Sinai na ordem *Shofarôt*, de *Rosh Hashaná*, sendo a sua observação (de Mowinckel), assim como em relação como as demais citações do *shofar* nesta ordem, é de que estas não estão relacionadas, de fato, à *Rosh Hashaná*.

<sup>28</sup> חג מתן תורה – *chág mátan Torá* (nota do tradutor).

manas no mês de Sivan, para a renovação do pacto ano após ano (6.17). Por isso que, de acordo com o método do compilador do Livro dos Jubileus, o pacto de Noé fora firmado no mês de Sivan, sendo Noé, desse modo, o primeiro que comemorara a festa das Semanas. O pacto de Abraão<sup>29</sup> foi feito também em meados do mês de Sivan, sendo dito o seguinte: “naquele dia fizemos um pacto com Abraão, conforme o mesmo pacto que fizemos naquele mês com Noé, renovando, então, Abraão a festa e o estatuto dela, para sempre” (14.20). No décimo quinto dia do mês de *Sivan* é quando se comemora a festa das Semanas, de acordo com o Livro dos Jubileus<sup>30</sup>, estando também em conformidade com o calendário que existia em Qumran<sup>31</sup>. Deus se revela a Abrão e promete-lhe, com um pacto, uma descendência, ordenando-lhe a circuncisão. Ele, então, pratica de imediato esse mandamento (cap. 15). Isaac nasceu na festa das Semanas (meados do terceiro mês) e foi circuncidado depois de oito dias (16.13). Da mesma maneira, a Jacó se revelara Deus em meados do terceiro mês (cap. 42). Os pactos com Noé e com Abraão são feitos sobre um sacrifício (6.3 e 14.19), a mesma forma como foi feito o pacto no Sinai (Êxodo 24.3 em diante, comp. Salmos 50.5) e o pacto na época de Asa, como foi citado acima (2 Crônicas 15.11).

3. A seita de Qumran costumava renovar o pacto ano após ano (Preceito da Comunidade, col. 1.16 em diante) e, de acordo com o que foi descoberto na caverna nº 4 (mas que ainda não foi publicado), a cerimônia de renovação era iniciada justamente na festa das Semanas.<sup>32</sup>

4. Os *terapeutas* no Egito, que Filon descreve em seu livro *De Vita Contemplativa*, sendo eles também muito próximos daqueles da seita de Qumran, viam na festa das Semanas a maior festa de todas (μεγίστη έορτή)<sup>33</sup>; eles faziam uma vigília na noite desta festa, declamando nela hinos de gratidão. Ao que parece, esta tradição se perpetuou até os dias atuais no judaísmo. Não é relatado o que eles faziam no exato dia da festa, mas não é difícil de se supor: talvez fizessem uma cerimônia de renovação de pacto, como também a faziam os da seita de Qumran.

5. A festa das Semanas como a festa da outorga da Torá é o fundo do que é relatado em Atos dos Apóstolos, cap. 2, no estabelecimento da primeira comunidade de cristãos. Nesse capítulo lemos que, quando a festa das Semanas chegara, se reuniram todos juntos e repentinamente um som estrondoso veio dos céus, como o som de um vento tempestuoso, que preencheu o recinto; então viram-se línguas de fogo, que se repartiram e pousaram sobre cada um deles. Depois disso todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em línguas diferentes, conforme o Espírito os impelia (v. 1-4).

<sup>29</sup> Chamado em hebraico de ברית בין הבתרים – *b'rit bein hab'tarim* – “o pacto (feito) entre as (duas) partes (da oferenda)”, em alusão à forma, no mínimo diferente, de como foi executado esse pacto, relatado em Gn 15.9-21, entre Deus e Abraão (nota do tradutor).

<sup>30</sup> Ver Charles, em seu livro sobre o *Livro dos Jubileus* (nota 126), p. 52.

<sup>31</sup> Ver TALMON, S. *Cheshbon Haluach shel Kat Midbar Yehudá* (Cálculo do calendário da seita do deserto da Judeia), *Mechkarim Bamegilót Hagenuzót* (Estudos nos manuscritos escondidos, livro de registros), E. L. Sukenik, 1957, p. 77 em diante.

<sup>32</sup> Ver MILIK, J. T. *Ten Years of Discovery in the Wilderness of Judaea*. London: S.C.M. Press, 1959, p. 113ss. Ver também DELCOR, M. Pentecôte. *Diction. Bibl. Suppl.*, v. 11, p. 870-871, 1966.

<sup>33</sup> Certamente não está dito que o quinquagésimo dia é o quinquagésimo dia após a movimentação do molho do Ômer, sendo nada mais que uma simples denominação ao “depois de sete semanas” (*di' hepta hebdomadôn*), do mesmo modo, da denominação de “a maior festa”, toma-se o pressuposto de que é em relação a festa das Semanas que se diz.

Os elementos principais do relato são tomados da tradição da outorga da Torá no Sinai:

a) O estrondo dos céus e as línguas de fogo são radicados nas descrições do episódio do monte Sinai, tais como eram mostradas em lendas<sup>34</sup> que procedem do final da época do Segundo Templo. Os *midrashim*, *targumim* e Filon de Alexandria descrevem os ditos que saíram da boca de Deus no Sinai como labaredas fumegantes, visão baseada no escrito “e todo o povo via as vozes, e as tochas” (Êxodo 20.18). Baseado nesta passagem “e todo o povo via as vozes”, dizia o Rabi Akiva: “viam a palavra de fogo que saia da boca do Poder e se encravava sobre as tábuas, como se diz – (Salmo 29.7) a voz de Javé separa as labaredas do fogo”<sup>35</sup>

Fílon relata de forma parecida que a chama de fogo se transformava em “dito penetrante discernido pelos ouvintes”<sup>36</sup>. Descrições parecidas achamos no Targum Pseudo-Jonatan, bem como em trechos de um targum da genizá<sup>37</sup> do Cairo, e no Targum Neofiti:

A palavra [...] era expressa da boca da Santidade – cujo nome é Bendito – sob a forma de faíscas e relâmpagos, sob a forma de labaredas, de luminares de fogo; um luminar vinha da direita e um (outro) luminar de fogo da esquerda, se expandia e pairava no ar, no céu, voltando e pousando sobre o acampamento de Israel, retornando (depois) e encravando-se sobre as Tábuas da Aliança.<sup>38</sup>

Essa descrição bebeu também de Deuteronômio 33.2, “à sua direita havia para eles o fogo do decreto”, que também encontramos parecida em *Sifrêi Devarim*:<sup>39</sup>

Quando o dito saia da boca do Santo, Bendito seja Ele, ia pela Sua direita [...] para a esquerda de Israel e rodeava o acampamento de Israel [...] e o Santo, Bendito seja Ele, o aceitava (de novo) [...] e o encravava sobre a tábua [...] como foi dito (Salmo 29.7): a voz de Javé separa as labaredas de fogo.

b) O assunto do *fogo que se repartia em línguas*, e que por causa delas todos começavam a falar em línguas diferentes, tem a sua origem em um *midrash* que afirma que o dito que se repartia em setenta

<sup>34</sup> Em hebraico, אנדרות – *agadôt* – “lendas, relatos, histórias” (nota do tradutor).

<sup>35</sup> Mechilta de-Rabi Ishmael, trat. Devachodesh, porção 9, edição de Horovitz-Rabin, p. 235. Original hebraico: “מפי יוצא אש של דבר רואין: ישנ הלוחות על ונחצב הנבורה אש להבות הוצב יה קול”.

<sup>36</sup> *De Decalogo*, 46.

<sup>37</sup> Local que, em hebraico, seu nome significa “esconderijo”, onde, para não serem jogados fora por causa do seu valor sacro, são guardados rolos da Torá ou livros sagrados que não mais podem ser utilizados pela comunidade local pela deterioração natural deles ou por erro do escriba que os fez (nota do tradutor).

<sup>38</sup> Sobre as diferentes versões nos *Targumim*, ver POTIN, J. *La fête juive de la Pentecote: étude des texts liturgiques*. Paris: Éditions du Cerf, 1971 (Lectio Divina 65a). v. 2, p. 37ss.

Original aramaico: דבירא [...] כך הוה נסיק מן פים קודשא יהי שמייה מברך הי כזיקין והי כברקין והי כשלהובין כלמפדין דינור, למפד מן ימינה ולמפד דאישא מן שמאליה, פרה ושייס באויר שמיא וחזר ומתחמי על משרייתהון וחזר דישראל וחזר ומתחקק על לוחי קיימא (o texto mostrado é uma tradução livre, feita direto dessa passagem aramaica, citada pelo autor no artigo original hebraico – N.T.).

<sup>39</sup> *Sifre Devarim*, piská 343 (edição de L. Finkelstein, p. 399).

línguas, isto é, as línguas de todas as nações<sup>40</sup>. Lemos isso quando o Rabi Yochanan disse: “o que significa o escrito (Sl 68.12) ‘Javé deu a palavra; grande era o exército dos que anunciavam as boas novas?’ Cada dito que saia da boca do Santo, Bendito seja Ele, se repartia em setenta línguas”<sup>41</sup>; e, na continuação do texto, verificamos o seguinte: “ensinava a escola de Rabi Ismael: Um martelo que esmiúça a penha?<sup>42</sup> Assim como um martelo espalha (da penha) muitas faíscas, (do mesmo modo) tinha sido dividido cada dito que saía da boca do Santo, Bendito seja Ele, em setenta línguas”. O mais importante para nossa discussão é a correspondência entre a linguagem das lendas, “*um dito (como fogo) que se dividia em setenta línguas*”, e a linguagem usada em Atos dos Apóstolos (2.3), “*e foram vistas por eles línguas partidas como de fogo*” (καὶ ὠφθησαν αὐτοῖς διαμεριζόμεναι γλῶσσαι ὡσεὶ πυρός).

Na tradição rabínica, encontramos o motivo do *dito que se partia em setenta línguas para que pudessem se difundir entre as nações* na Mishná, no tratado Sotá 7.5. Lá é dito que, quando os israelitas escreveram sobre as pedras do altar construído no monte Ebal, escreveram todas as palavras da Torá em setenta línguas<sup>43</sup>. De modo semelhante na tradição cristã, as línguas de fogo repartiram-se e pousaram sobre as pessoas que estavam no momento da revelação, dando a capacidade aos que estavam reunidos de difundirem a nova doutrina<sup>44</sup> em todas as línguas do mundo, como veremos em detalhes à frente.<sup>45</sup>

Há de acrescentar que em Sifrêi, comentando a passagem de Deuteronômio 33.2<sup>46</sup>, o *dito* é comparado ao fogo, como uma interpretação do trecho “de sua direita um fogo de decreto para eles”, afirmando que a Torá também foi dada em várias línguas:

Quando se revelara o Santo, Bendito seja Ele, para entregar a Torá a Israel, não (foi) somente em uma única língua que lhes disse, mas em quatro línguas: como foi dito, “(Deuteronômio 33.2a) Javé veio do Sinai”, esta é a língua hebraica; (Deuteronômio 33.2b) “e lhes subiu de Seir”, essa é a língua romana; (Deuteronômio 33.2) “resplandeceu desde o monte Parã”, essa é a língua árabe; (Deuteronômio 33.2) “veio com dez milhares de santos”, essa é a língua aramaica.<sup>47</sup>

<sup>40</sup> Sobre os setenta povos do mundo, ver Gn 10 e minha curta interpretação de Gênesis (Ed. Massada, 1975). Sobre lendas dos rabinos de Israel acerca do assunto, ver GINZBERG, L. *Agadôt Hayehudim* – Lendas dos judeus (na tradução para o hebraico de Rav M. Hacoheh), 1966, parte IV, nota 72.

<sup>41</sup> TB, Shabat 88b. Ver também o *Midrash de Salmos sobre Sl 92.3*, edição Bubar, p. 22; para outras fontes sobre o assunto, ver GINZBERG, *Agadôt Hayehudim* – Lendas dos judeus, parte XI.221 (p. 53), nota 214.

<sup>42</sup> Jr 23.29.

<sup>43</sup> Ver também *Toseftá, Sotá 8.6-7* e *Mechilta* de Deuteronômio, lançada por S. Schechter (livro *Hayovêl li* – Meu Jubileu, Levi, p. 189); para uma discussão sobre isso, ver também LIEBERMAN, S. *Tosfetá Kip’shutá* – A Tosfetá numa leitura simples – parte VIII, p. 699-701.

<sup>44</sup> No artigo original, התורה החדשה – *hatorá hachadashá*, podendo ser traduzido também como “a nova Torá” (nota do tradutor).

<sup>45</sup> Ver POTIN, 1971, p. 310ss, nota 133.

<sup>46</sup> Mencionado acima – piská 343, col. CCCXCIX.

<sup>47</sup> piská 343, col. CCCXCV.



c) Línguas de fogo que pousaram<sup>48</sup> sobre cada um dos que estavam reunidos (Atos dos Apóstolos 2.3) lembra-nos as coroas pelas quais os israelitas foram coroados no episódio do monte Sinai<sup>49</sup>; essas coroas eram a glória da *shekhiná*<sup>50</sup> que contornava as suas cabeças<sup>51</sup>. Em outro lugar já me posicionei sobre essa questão<sup>52</sup>, de que a tradição discutida aqui sobre pessoas<sup>53</sup> que têm sobre si línguas de fogo e ficam cheias do Espírito Santo bebeu de Números 12, onde é dito sobre os anciãos que tiveram sobre si o Espírito, se transformando então em líderes da congregação.

A instituição de setenta anciãos se assemelha aos setenta que havia no Sinédrio<sup>54</sup>, que precisavam saber setenta línguas<sup>55</sup>: essa tradição foi transferida agora para a comunidade emergente de cristãos. De acordo com a tradição cristã, também sobre a liderança da comunidade cristã repousava o Espírito Santo, do mesmo modo como ocorria no *Sinédrio*, podendo eles também falar em línguas diferentes, por causa das línguas de fogo que repousaram sobre eles.

A ocasião da primeira revelação ao povo de Israel foi utilizada como ponto de partida para a emergência de tradições sobre fenômenos profético-místicos que aparentemente ocorriam na festa das Sema-nas. Flávio Josefo relata<sup>56</sup> que, na noite da festa das Semanas, antes da guerra, os sacerdotes ouviram uma

<sup>48</sup> Ἐκάθισεν – *ekathisen*; o verbo καθίζω – *kathizo*, traduz na Septuaginta o original hebraico וַתָּנַח – *vatanách* – “e reposou (a arca)” em Gn 8.4.

<sup>49</sup> Ver *Pesikta de Rav Kahana, Nachamu* (edição Mandelbaum), p. 268 e os paralelos que foram apontados ali, bem como *Shabat* 88a. Ver a discussão de URBACH, E. E. Chazal, *Pirkêi Emunôt uDeôt* – Os rabinos de Israel, capítulos de fé e opiniões, p. 125 em diante, em que faz uma distinção entre as fontes antigas que se relacionam com a ornamentação de coroas sobre Yahweh e as fontes posteriores que relacionam isso aos anjos.

<sup>50</sup> Em hebraico, זיו השכינה – *ziv haShekhiná*. *Shekhiná*, *Shechiná* ou *Shekiná* é costumeiramente traduzido por “divina presença” e era a denominação judaica, nos targums e no midrash, para a presença de Javé no Tabernáculo e no Templo de Jerusalém (nota do tradutor).

<sup>51</sup> Comparar “e glória e honra o coroaste” em Sl 8.7, que significa o esplendor divino que rodeia a cabeça (comparar com *mel-lammu* em acadiano) e ver também Jó 19.9: “Da minha honra me despojou; e tirou-me a coroa da minha cabeça”. כְּלִיל תְּפָאֵרֶת – *k’lil tiféret* – coroa de glória” que foi posta na cabeça de Moisés (*Ben Sirách* 45.8 [paralelo ao כְּבוֹד וְעוֹז – *kavôd vaôz* - “glória e força”]; comparar com a oração de *Shacharit* do *Shabat*) é o esplendor que circunda a sua face (Ex 34:29 em diante), sendo nos Manuscritos do Deserto da Judeia denominados “*k’lil kavôd*” (*Livro dos Jubileus* 4, linha 8, *Hinos de Ações de Graça* 9; linha 25). Na literatura helenística é denominada tal coroa de Διάδημα τῆς δόξης (ver REITZENSTEIN, R. *Hellenistische Mysterienreligionen*, 1927, p. 359-60), sendo essa coroa aquela que “está na cabeça dos justos, que se regozijam na glória da Divina Presença (*Berachôt* 17a). Sobre o assunto da glória como uma coroa na Bíblia e no Antigo Oriente, ver meu artigo do verbete “*kabod*” em *Theologisches Woerterbuch zum Alten Testament* (ed. G. J. Botterweck e H. Ringgren), v. 4, p. 23-40.

<sup>52</sup> Em meu artigo em *Immanuel*, n. 8, p. 16ss, 1978).

<sup>53</sup> Não nos está claro se o escrito em Atos dos Apóstolos 2.4 se relaciona aos 120 homens citados em 1.15 ou aos 12 apóstolos.

<sup>54</sup> Em hebraico, סנהדרין – *sanhedrin*. Do grego, συνέδριον (*synedrion*), “assembleia sentada” ou “conselho”. Era o nome dado à assembleia de 23 juizes que a Lei judaica ordena existir em cada cidade. O *Grande Sinédrio* era uma assembleia de juizes judeus que constituía a corte e legislativo supremos da antiga Israel. O Grande Sinédrio incluía um chefe ou príncipe (*Nasi*), um sumo-sacerdote (*Cohen Gadol*), um *Av Beit Din* (“pai da corte de julgamento” – *um segundo membro em importância*) e outros 69 integrantes que se sentavam em semicírculo. Antes da destruição de Jerusalém em 70, o Grande Sinédrio reunia-se no Templo durante o dia, exceto antes dos festivais e do Sábado (nota do tradutor).

<sup>55</sup> Ver *Toseftá, Sanhedrin* 8a, *Yerushalmi – Shekalim* 85.5a; 48.4, *Sanhedrin* 17a, *Menuchôt* 65a.

<sup>56</sup> *Antiguidades* 299.

voz proclamando: “nós estamos abandonando (o Templo)”<sup>57</sup>.

A experiência mística do Rabi Yossef Caro também está relacionada à festa das Semanas. Na véspera, no momento que se fazia a vigília da véspera da festa das Semanas<sup>58</sup>, saiu uma voz de sua boca e os que estavam ao seu redor ouviram-na, caindo por sobre seus rostos e desmaiando cada um deles.<sup>59</sup>

A segunda experiência se relaciona à proclamação messiânica de Shebatai Tzevi. Na noite da festa das Semanas, “pousara o Espírito Santo sobre Natan de Gaza. Ele, então, desmaiou e, do meio de seu desmaio, começou-se a ouvir vozes diferentes que se repartiram ali e aqui, porque importava que Shebatai Tevi fosse declarado rei sobre Israel”<sup>60</sup>.

A rememoração ao episódio do monte Sinai se preservou até hoje em diferentes costumes relacionados a essa festa como, por exemplo, as prescrições que incluem os três dias de separação<sup>61</sup>, uma vigília na noite da festa<sup>62</sup> (algo parecido com a vigília que houve antes do momento da outorga da Torá) e, no dia após a festa, a leitura dos Dez Mandamentos, a leitura do *Akdamot*<sup>63</sup> (como numa espécie de permissão e abertura para a leitura da Torá que será feita), a proclamação do *Azharot*<sup>64</sup>, baseado no Decálogo, e a leitura do próprio Decálogo, numa cantilação especial<sup>65</sup> para esse dia de festa.

<sup>57</sup> Comparar com Tacitus, *Crônicas* 5.13.

<sup>58</sup> Em hebraico, תיקון ליל שבועות – *tikún lêil Shavuôt* (nota do tradutor).

<sup>59</sup> Sobre este testemunho, ver WERBLOWSKY, R. J. Z. *Joseph Karo: Lawyer and Mystic*. London: Oxford University Press, 1962, p. 19-21.

<sup>60</sup> SHOLEM, G. *Shebatai Tzevi vehatenuá hashebatait biymêi Chaiyáiv* (Sebatai Zevi e o movimento sabateano durante a sua vida). Tel Aviv: Ed. Am Ôved, 1975. v. 1, p. 178. Desmaios na única noite da Festa das Semanas estão justamente relacionadas, ao meu ver, ao momento da dádiva da Torá, que, de acordo com a tradição, desmaiaram ou saiu-lhes as almas de todos que estavam presentes nesse episódio; comparar com *Shabat* 88b: “cada dito e dito que saia da boca do Santo, Bendito seja Ele, saia as almas de Israel, como foi dito – (Ct 5.6) a minha alma tinha-se derretido (ou saído) quando ele falara (com a sua palavra)” e ver a ordem *Shofarôt* que há na oração de *Rosh Hashaná*, numa versão da *Genizá de Cairo*: “adentraram os filhos, ante o Poder, e não suportaram receber os ditos da glória da Divina Presença que esteve os cobrindo, detiveram-se todos e desfaleceram todos e se prostaram sobre suas faces e suas almas saíram (por causa) da voz dos ditos” (MANN, J. *Geniza Fragments of the Palestinian Order of Service*. *HUCA*, n. 2, p. 330, 1925).

<sup>61</sup> Em hebraico, שלושת ימי הגבלה – *sh'lôshet Yemêi Hagbalá* (nota do tradutor).

<sup>62</sup> Essa vigília é conhecida no meio judaico como תיקון ליל שבועות – *tiquin lêil shavuôt* – “Concerto (ou preparação) da Noite da (Festa das) Semanas”. Nesta, há uma reunião e vigília até o amanhecer, onde nela se estuda a Torá e a tradição, se preparando para a Dádiva da Torá (representada pela Leitura da Torá no Shabat pela manhã) no primeiro dia da Festa das Semanas. A origem desse costume se encontra no *Zohar*, tendo se difundido em todo mundo judaico a partir do século XIII d.C. Também alguns grupos judaicos, principalmente seguidores da *Cabalá*, se reúnem no intuito de receber, nessa vigília, alguma manifestação espiritual vinda dos céus (nota do tradutor).

<sup>63</sup> Texto poético aramaico honrando a glória divina lido no momento da leitura da Torá na sinagoga, no primeiro dia da festa das Semanas. Foi compilado no séc. XI d.C. Ela é concebida como sendo um tipo de “permissão” ou “introdução” à proclamação dos Dez Mandamentos. Ela pertence ao rito ashkenazita, sendo que não há menção sua no rito sefardita (N.T.).

<sup>64</sup> Texto poético recitado na Festa das Semanas, no momento da oração, que enumera os 613 mandamentos da Torá. Foi compilado numa forma rimada e vem em quase todas as versões dos *sidurim* judaicos (nota do tradutor).

<sup>65</sup> Em hebraico, הטעם העליון (*Hata'am Haeliyon*), “cantilação elevada”, para os dias de festividade, em oposição à הטעם התחתון (*Hata'am Hatachton*), “cantilação baixa”, dos dias ordinários (nota do tradutor).

## Referências bibliográficas

BOTTERWECK, G. J.; RINGGREN, H. (ed.). *Theologisches Woerterbuch zum Alten Testament*. Stuttgart: Kohlhammer, 1970. v. 4.

BUBER, S. (ed.). *Midrasch Tehilim*. Vilna: Romm, 1891.

CHARLES, C. H. *Book of Jubilees*. London: Adam and Charles Black, 1902.

DELCOR, M. Pentecôte. *Diction. Bibl. Suppl.*, v. 11, 1966.

FÍLON de Alexandria. *De Decalogo* (tradição judaica – nota do tradutor).

\_\_\_\_\_. *De Specialibus Legibus* (tradição judaica – nota do tradutor).

\_\_\_\_\_. *De Vita Contemplativa* (tradição judaica – nota do tradutor).

GINZBERG, L. *Agadôt Hayehudim – Lendas dos judeus* (na tradução [para o hebraico] do Rabino M. Hacohen), 1966.

HOFFMANN, D. Z. *Deuteronomium II*. Berlin: M. Poppelauer, 1922.

JOSEFO, Flávio. *Antiguidades judaicas* (tradição judaica. Tradução para o português: *História dos hebreus*. Rio de Janeiro: CPAD, 2005 – nota do tradutor).

LAUTERBARCH, J. Z. *Mekilta de-Rabi Ishmael* (ed. Horovitz-Rabin). Philadelphia: Jewish Publication Society, 1933.

MANN, J. Geniza Fragments of the Palestinian Order of Service. *HUCA*, n. 2, p. 269-339, 1925.

MIDRASCH dos Tanaítas (tradição judaica – nota do tradutor).

MILGROM, J. *Studies in Levitical Terminology*. Berkeley: University of California Press, 1970. v. 1.

MILIK, J. T. *Ten Years of Discovery in the Wilderness of Judaea*. London: S.C.M. Press, 1959.

MOWINCKEL, Sigmund. *Le Décalogue*. Paris: Librairie F. Alcan, 1927.

MUFFS, Y. Joy and Love as Metaphorical Expressions of Willingness and Spontaneity in Cuneiform, Ancient Hebrew and Related Literatures. In: NEUSNER, J. (ed.). *Christianity, Judaism and other Graeco-Roman Cults: Festschrift M. Smith*. Leiden: Brill, 1975. v. 3.

\_\_\_\_\_. Joy and Love as Metaphorical Expressions of Willingness and Spontaneity in Cuneiform, Ancient Hebrew and Related Literatures. In: NEUSNER, J. (ed.). *Christianian, Judaism and other Greco-Roman Cults, for Morton Smith at Sixty*. Leiden: Brill, 1976.

NILSSON, M. P. *Geschichte der Griechischen Religion*. 3. ed. Munich: C. H. Beck. 1974. v. 3.

POTIN, J. *La fête juive de la Pentecote: étude des textes liturgiques*. Paris: Éditions du Cerf, 1971 (Lectio Divina 65a). v. 2.

SCHECHTER S. *Mekilta le-Debarim: Parashat Resch*, Festschrift zu Israel Lewy's Siebzigsten Geburtstag (ed. M. Braum, J. Elbogen). Braslau: Marcus, 1911.

SHOLEM, G. *Shebatai Tzevi vehatenuá hashebataít biymèi Chaiyáiv* (Sebatai Zevi e o movimento saba-teano durante a sua vida). Tel Aviv: Ed. Am Ôved, 1975. v. 1.

SPERBER, A. *The Bible in Aramaic: Based on Old Manuscripts and Printed Texts*. Leiden: Brill, 1959-1973. 5 v. (Essa obra contém os Targumim de Onkelos, Neofítí e Jonatan – nota do tradutor).

TALMUDE Babilônico, Tratados Shabat e Sotá (tradição judaica – nota do tradutor).

TALMUDE Hierosolomita, Tratados Shekalim, Sanhedrin e Menuchôt (tradição judaica – nota do tradutor).

TOSEFTÁ, Tratado Sanhedrin (tradição judaica – nota do tradutor).

WEINFELD, M. *Commentary on Genesis*. Jerusalém: Massada, 1975.

\_\_\_\_\_. *Leshonenu*, n. 36, 1972.

\_\_\_\_\_. Pentecost as a Festival of the Giving of the Law. *Immanuel*, n. 8, p. 7-18, 1978.

WERBLOWSKY, R. J. Z. *Joseph Karo: Lawyer and Mystic*. London: Oxford University Press, 1962.

YADIN, Y. *Megilát Hamikdásh* – O Manuscrito do Templo, tomo I.

ZAVOKITZ, Y. *Kéfel Midrashêi Shêm* – Dupla interpretação dos nomes. Dissertação de mestrado, Universidade Hebraica de Jerusalém, 1971.